

CAPÍTULO 1

A MODULAÇÃO SENSORIAL E SEUS EFEITOS NA PARTICIPAÇÃO LABORAL DE ADULTOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Danielly da Frota Studart¹

Kelly Nobre Santiago²

Raquel Sousa Mendes³

Rejane Rodrigues Barbosa Castelo⁴

Sâmia Révia de Oliveira Chagas⁵

Valônia Suell L. Coelho Paz⁶

Letícia Rocha Dutra⁷

INTRODUÇÃO

O Processamento Sensorial é um processo neurológico por meio do qual o Sistema Nervoso Central organiza, interpreta e responde às informações provenientes dos diferentes sistemas sensoriais — visual, auditivo, tátil, olfativo, gustativo, vestibular e proprioceptivo. Essa função é essencial para a adaptação ao ambiente, a aprendizagem e a participação ocupacional, pois permite que o indivíduo regule o próprio comportamento diante das demandas externas (Dunn, 2010; Miller *et al.*, 2007). A modulação sensorial é um dos componentes centrais do

¹Especialista em Análise do Comportamento Aplicada e Estratégias Naturalistas pelo Instituto Singular.

²Especialista em Análise do Comportamento Aplicada pela Faculdade Metropolitana.

³Especialista em Saúde Mental pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

⁴Mestre em Gestão da Clínica/Saúde Coletiva pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

⁵Especialista em Transtorno do Espectro Autista pelo Centro Universitário do Maciço de Baturité.

⁶Especialista em Transtorno do Espectro Autista e do Neurodesenvolvimento pelo Centro Universitário do Maciço de Baturité.

⁷Doutora em Ciência da Reabilitação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Processamento Sensorial, sendo responsável por ajustar a intensidade, a duração e a frequência das respostas aos estímulos do ambiente, garantindo níveis adequados de alerta e autorregulação. Estudos recentes evidenciam atenção crescente às Disfunções de Integração Sensorial (DIS), especialmente quanto ao seu impacto sobre o comportamento, a autorregulação e o desempenho ocupacional (Schaaf; Mailloux, 2015; May-Benson; Teasdale; Easterbrooks-Dick, 2022; Jovellar-Isiegas *et al.*, 2020).

Alterações na modulação podem gerar respostas hipo ou hiper-reativas, interferindo de forma significativa no desempenho ocupacional e na interação com o ambiente. A hiper-responsividade caracteriza-se por reações exageradas a estímulos sensoriais, como sons, luzes, texturas, movimentos e odores, podendo gerar irritabilidade, impulsividade e dificuldade de adaptação. Já a hiporresponsividade envolve respostas lentas ou diminuídas aos estímulos, resultando em apatia, distração e baixa reatividade corporal. Essas respostas atípicas interferem diretamente na autorregulação, no engajamento social e na execução de atividades significativas (Magalhães, 2008).

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente apresentam alterações nesse processo, manifestando hiper ou hiporreatividade a sons, luzes, texturas ou movimentos — características reconhecidas pelo DSM-5 (APA, 2014) como parte dos critérios diagnósticos do transtorno. Schaaf e Mailloux (2015) e Miller (2006) afirmam que as alterações de modulação estão entre as mais prevalentes em adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo um domínio ainda pouco explorado em pesquisas que envolvem o contexto de trabalho. Lindsay *et al.* (2021) observaram que ambientes de trabalho com alta demanda sensorial — como ruídos, luz intensa e múltiplas interações — podem intensificar reações de desconforto e evasão em adultos com TEA, gerando fadiga, estresse e redução da produtividade. Apesar dos avanços nas investigações sobre Integração Sensorial, a maioria dos estudos ainda se concentra em crianças e adolescentes, deixando uma lacuna importante na compreensão das

manifestações e repercussões das Disfunções Sensoriais em adultos (Schaaf; Mailloux, 2015; Miller, 2006).

Considerando essas evidências, o presente estudo tem como objetivo analisar como as dificuldades na modulação sensorial impactam adultos com TEA em seus ambientes de trabalho. Ao abordar essa temática, busca-se ampliar o olhar da Terapia Ocupacional sobre a vida adulta da pessoa com TEA, destacando a modulação sensorial como eixo fundamental da autorregulação, engajamento e produtividade.

MÉTOD

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório-descritivo. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma compreensão aprofundada das experiências subjetivas e das percepções individuais dos participantes, considerando a complexidade do fenômeno estudado (Minayo, 2022).

A amostragem foi intencional, com recrutamento por conveniência, por se tratar de estratégia ágil para identificar participantes com o perfil desejado em estudos que buscam compreender fenômenos específicos, sem pretensão de generalização estatística (Gil, 2008). Todas as pesquisadoras atuam profissionalmente com pessoas com TEA, o que facilitou o acesso a adultos que relataram o diagnóstico formal e que percebem dificuldades sensoriais em suas rotinas de trabalho.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário *on-line* com perguntas abertas e fechadas, elaborado no Google Forms. O instrumento foi construído para favorecer a narrativa livre dos participantes sobre suas experiências sensoriais no espaço laboral, com foco nas dificuldades de modulação do estímulo sensorial. O uso de perguntas abertas é apropriado em pesquisas qualitativas por possibilitar que os participantes expressem suas percepções de modo espontâneo e contextualizado, enriquecendo a compreensão dos significados atribuídos às experiências (Minayo, 2022; Gil, 2008). Além disso, o formato *on-line* foi adotado por sua praticidade e alcance,

preservando acessibilidade e confidencialidade dos participantes (Creswell, 2014; Schaaf; Mailloux, 2015). Também foi preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O método usado para identificar, organizar e analisar os dados foi a análise temática indutiva (Braun; Clarke, 2006). Nesse estudo, as dificuldades na modulação sensorial em adultos com Transtorno do Espectro Autista em seu ambiente de trabalho foram extraídas detalhadamente das transcrições das entrevistas e interpretadas por meio de seis etapas da análise temática: (1) familiarização dos dados; (2) geração de códigos iniciais; (3) busca de temas; (4) revisão dos temas; (5) definição e nomeação dos temas; e (6) produção de relatório.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Caracterização da amostra

Participou do estudo uma amostra de conveniência de 15 adultos com TEA, com idade média de 44 anos, 60% eram do sexo masculino e 93% inseridos no mercado formal de trabalho. Todas as informações descritivas sobre os participantes estão na Tabela 1.

Tabela 1 – Informações descritivas dos participantes entrevistados

Participantes	Idade	Gênero	Diagnóstico	Tipo de Trabalho
01	33	F	TEA	Formal
02	54	M	TEA	Formal
03	48	M	TEA	Formal
04	67	F	TEA	Formal
05	31	F	TEA	Formal
06	44	M	TEA	Formal
07	52	F	TEA	Formal
08	62	F	TEA	Formal
09	27	M	TEA	Formal
10	43	F	TEA	Formal
11	30	M	TEA	Formal

12	44	M	TEA	Formal
13	47	M	TEA	Informal
14	36	M	TEA	Formal
15	48	M	TEA	Formal

Fonte: elaborada pelas autoras.

Análise temática

Inicialmente, procedeu-se à leitura exaustiva do material coletado, buscando familiarização com o conteúdo e reconhecimento preliminar de padrões descritivos relacionados às respostas sensoriais. Em seguida, realizou-se a codificação inicial dos trechos relevantes. Os códigos produzidos foram agrupados em eixos temáticos mais amplos, representando nuances das vivências sensoriais no ambiente laboral. Esse processo permitiu identificar categorias recorrentes. A construção das categorias respeitou critérios de coerência interna e distinção temática, assegurando que cada agrupamento representasse de forma fidedigna as percepções relatadas pelos participantes. A análise foi conduzida com atenção à singularidade das experiências, bem como às interações entre demandas sensoriais e fatores contextuais do ambiente de trabalho, permitindo uma compreensão aprofundada dos desafios enfrentados e das necessidades de suporte.

A análise temática resultou na identificação de quatro categorias centrais, cada uma contendo subcategorias que aprofundam as nuances das experiências sensoriais relatadas pelos participantes.

Categoria 1 – Sobrecarga sensorial no ambiente de trabalho

Na categoria “sobrecarga sensorial no ambiente de trabalho”, os participantes referiram estímulos auditivos, visuais e múltiplos estímulos, incluindo ambientes com alta circulação de pessoas, como provedores de sobrecarga sensorial, que impactam negativamente no desempenho da atividade laboral.

Estímulos auditivos intensos e contínuos

Os participantes relataram dificuldade em filtrar sons concorrentes (conversas simultâneas e ruídos de escritório). Esses estímulos foram descritos como “invasivos”, afetando a concentração e aumentando o estresse. Como relatado pelo Participante de número 8, que mencionou essas dificuldades: “O barulho de multidão, burburinho, estouros e campainhas é esmagador. [...] me causando fadiga e prolongada indisposição mental” (Participante 8).

Quando perguntados sobre quais estímulos que mais atrapalham no ambientes, muitos se referiram ao barulho, como os Participantes 4, 5 e 6: “Barulho, especialmente de conversas [...]” (Participante 4); “[...] barulhos inesperados e muito altos” (Participante 5); “barulho constante” (Participante 6).

Sobrecarga visual e excesso de movimento

Iluminação fluorescente, telas muito brilhantes, ambientes abertos e alta circulação de pessoas foram apontados como elementos que provocam fadiga sensorial e redução na capacidade de execução de tarefas, como relatado nos Participantes 13 e 15: “Sinto incômodo com luz. Se pudesse eu trabalharia na penumbra. Quando um colega pede para acender todas as luzes, o meu humor muda. Vem um desconforto muito grande [...]” (Participante 13). O Participante 15 relata como um momento de desafio intenso: “Quando o colega ou paciente pede para acender todas as luzes. Às vezes é possível trabalhar só com 1 luz acesa, mas entendo” (Participante 15).

Mistura de múltiplos estímulos

A combinação simultânea de ruído, luz e imprevisibilidade gerou estados de sobrecarga aguda, levando alguns participantes a necessitar de pausas frequentes ou estratégias individuais de acomodação, explicitado abaixo pelas falas dos Participante 8 e 13:

“Não suporto luzes brancas (luz do sol) ou azuis. O barulho de multidão, burburinho, estouros e campainhas

é esmagador. O calor do sol é insuportável. E o movimento de pessoas ao meu redor chega perto de ser desesperador, me causando fadiga e prolongada indisposição mental. O toque, na pele, sem aviso prévio é sempre assustador” (Participante 8).

“Canso fácil e termino o trabalho fisicamente cansada, com muito sono. É como se meu corpo fizesse tanto esforço com as atividades motoras que a terapia ocupacional exige, que relaxo completamente. Dá um sono e não posso parar. Tenho hipersensibilidade com cheiros. Noto cheiros que outras pessoas não percebem” (Participante 13).

Categoria 2 – Dificuldades de autorregulação sensorial

Na categoria “dificuldades de autorregulação sensorial”, encontram-se os impactos resultados dos desafios de autorregulação, que podem afetar o bem-estar mental, emocional e social, gerando implicações na produtividade laboral. Foram identificados episódios de hiper e hiporresponsividade, variando desde retraimento e fuga até dificuldade de perceber sinais corporais de fadiga ou estresse sensorial. O Participante 15 relata sobre tais desafios: “Percebo que meu humor muda com muita iluminação na sala que atendo. Quando estava mais escuro, meu alerta e nível de atividade aumentam em vez de diminuir, pois fico confortável, feliz” (Participante 15).

Categoria 3 – Impacto da modulação sensorial no desempenho e na permanência no trabalho

Na categoria “impacto da modulação no desempenho e na permanência no trabalho”, percebe-se os desafios vivenciados para manterem-se produtivos. Existe uma necessidade constante de desenvolver meios de enfrentamento, de gerenciar emoções, de utilizar estratégias de acomodação sensorial, para não gerar comportamentos de ansiedade, estresse e outros sintomas físicos.

Consequências emocionais e corporais

Os participantes descreveram exaustão, irritabilidade, ansiedade antecipatória e sintomas físicos, como tensão muscular e cefaleias após

exposições prolongadas. O Participante 7 explica esses desafios quando exposto a estímulos excessivos: “[...] são gatilhos para crise de dor de cabeça e ansiedade” (Participante 7).

Necessidades de acomodação e suporte organizacional

Ambientes mais silenciosos, possibilidade de trabalhar remotamente, controle sobre iluminação e comunicação clara foram apontados como fatores que reduzem significativamente o impacto sensorial e fortalecem a permanência no trabalho. “Consigo me regular melhor estando sozinho. Se possível, escuto uma música ou falo com alguém que me transmite segurança e confiança” (Participante 3).

“Também faço pausas breves ao longo do dia para retomar o foco e evitar sobrecarga. Quando percebo que algo está me gerando incômodo ou tensão, procuro refletir antes de reagir, buscando compreender a situação de forma racional e manter uma postura equilibrada nas interações” (Participante 14).

Categoria 4 – Estratégias de enfrentamento

Na categoria “estratégias de enfrentamento”, os participantes relataram que utilizam alguns recursos autorregulatórios para suportar a sobrecarga sensorial, como o uso de fones abafadores, *fidgets* manuais, pausas em locais silenciosos, movimentos autorregulatórios discretos, conforme descrito na transcrição dos Participantes 4 e 8: “Uso fone de ouvido com cancelamento de ruído ou abafadores, fecho as persianas próximas à minha mesa e visto um casaco, quando necessário” (Participante 4); “uso de abafadores e óculos de sol, uso de *fidgets* manuais e acesso à informações irrelevantes na internet” (Participante 8).

Os achados deste estudo reforçam, de maneira consistente, que a modulação sensorial constitui um eixo central para compreender o desempenho ocupacional de adultos autistas em ambientes laborais. Tal conclusão está alinhada à literatura contemporânea, que descreve a hiper e a hiporresponsividade sensorial como características

persistentes ao longo da vida, não se restringindo ao período infantil, mas influenciando diretamente a forma como indivíduos autistas percebem, interpretam e respondem às demandas ambientais na idade adulta (Robertson; Simmons, 2015; Dunn, 2014). Esses padrões sensoriais, longe de serem meros traços secundários, configuram elementos estruturantes da experiência cotidiana, afetando a participação social, a autonomia e o desempenho funcional em múltiplos contextos, incluindo o trabalho.

Os dados revelam que estímulos ambientais intensos, como temperatura, texturas, proximidade física e, especialmente, auditivos e visuais, funcionam como desencadeadores frequentes de sobrecarga sensorial. Essa sobrecarga emerge quando a capacidade do sistema nervoso de processar estímulos é ultrapassada, resultando em estados de tensão, irritabilidade, fadiga e dificuldade de manter foco por períodos prolongados. Estudos anteriores corroboram esses achados ao demonstrar que ambientes ruidosos, imprevisíveis ou com alta densidade de estímulos comprometem a concentração, o raciocínio e a organização de tarefas, afetando diretamente o desempenho ocupacional (Mazurek *et al.*, 2023; Crane *et al.*, 2009). Essa condição, muitas vezes invisível aos colegas e gestores, cria um descompasso entre a expectativa de produtividade contínua e as necessidades reais de regulação sensorial dos trabalhadores autistas.

A dificuldade de autorregulação sensorial evidenciada entre os participantes também dialoga com o Modelo de Processamento Sensorial de Dunn (1997), que descreve como diferentes perfis sensoriais influenciam a forma de interação com o ambiente. Os relatos indicam que, na ausência de ajustes ambientais, muitos adultos autistas desenvolvem estratégias espontâneas, como evasão de estímulos, pausas frequentes, uso de dispositivos, como fones abafadores, ou busca por rotinas mais rígidas. Tais estratégias, embora funcionais, são muitas vezes interpretadas equivocadamente como desinteresse, distração ou falta de flexibilidade, reforçando padrões capacitistas no contexto laboral.

A dimensão comunicacional emergiu como outro aspecto crítico: diversos participantes demonstraram evitar comunicar suas necessidades sensoriais. Esse silenciamento está intimamente relacionado ao fenômeno do *masking*, amplamente discutido por Kapp *et al.* (2013), no qual indivíduos autistas tentam camuflar comportamentos, preferências e necessidades para se adequar a normas sociais majoritárias. Embora possa favorecer a aceitação superficial no ambiente de trabalho, esse processo exige alto gasto energético e está associado à exaustão emocional, *burnout*, ansiedade e redução da autoestima. Importante destacar que o *masking*, apesar de funcional em curto prazo, não representa um caminho sustentável de inclusão, pois desloca a responsabilidade pela adaptação do ambiente para o indivíduo, reproduzindo lógicas de normalização e apagamento identitário.

Além dos impactos emocionais, os prejuízos funcionais identificados aproximam-se de pesquisas que demonstram que ambientes sensorialmente desregulados comprometem a tomada de decisão, o gerenciamento do tempo, o planejamento de tarefas e a capacidade de realizar atividades sob pressão (Lorenz; Heinitz, 2014). Esses fatores, combinados, não apenas reduzem a produtividade, como também aumentam a probabilidade de conflitos interpessoais, retrabalho e afastamentos por esgotamento. Raymaker *et al.* (2020) acrescentam que a interação entre sobrecarga sensorial e demandas psicossociais gera ciclos de estresse cumulativo, potencializando vulnerabilidades já presentes em ambientes competitivos ou altamente dinâmicos.

Em contrapartida, a literatura contemporânea mostra que pequenas adaptações podem gerar transformações substanciais na experiência laboral de pessoas autistas. Autores, como Wehman *et al.* (2016) e Nicolaidis *et al.* (2019), salientam que medidas simples como: disponibilização de espaços tranquilos, flexibilização na disposição física do ambiente, redução de ruídos, controle de iluminação, definição clara de rotinas e *feedbacks* estruturados podem promover não apenas melhora no desempenho individual, mas também maior satisfação,

engajamento e sensação de pertencimento. Quando tais práticas são incorporadas de forma sistemática, e não como respostas pontuais, elas contribuem para ambientes de trabalho mais inclusivos e responsivos à diversidade humana.

Quando as práticas de acessibilidade sensorial são incorporadas de maneira consistente, observa-se que barreiras históricas podem ser substancialmente reduzidas. Essas ações favorecem ambientes mais inclusivos, reduzem demandas desnecessárias de adaptação e ampliam a participação ocupacional dos trabalhadores autistas.

Mais do que mudanças pontuais, torna-se necessário repensar estruturas e expectativas institucionais. Promover culturas organizacionais que acolham diferentes formas de perceber e agir no mundo, o que implica reconhecer o valor da neurodiversidade e assumir um compromisso real com práticas que sustentem trajetórias profissionais mais estáveis, saudáveis e plurais. Nessa perspectiva, ajustar o ambiente não representa apenas uma estratégia de eficiência, mas um posicionamento ético capaz de fortalecer a justiça, a equidade e o respeito às singularidades humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam que a modulação sensorial constitui um elemento estruturante para compreender a experiência laboral de adultos com TEA. A análise das narrativas revelou que o modo como cada indivíduo processa e organiza estímulos ambientais influencia diretamente no seu bem-estar, sua participação cotidiana e sua capacidade de sustentar níveis consistentes de engajamento no trabalho.

Observou-se que, diante de ambientes pouco responsivos às necessidades sensoriais, trabalhadores autistas recorrem a estratégias individuais de enfrentamento, nem sempre compreendidas ou apoiadas institucionalmente. Esse cenário demonstra que a gestão das demandas sensoriais não deve ser percebida como responsabilidade exclusiva do sujeito, mas como uma dimensão que emerge da interação entre pessoa,

tarefa e ambiente. Reconhecer as diferenças sensoriais desloca o foco da ideia de déficit para a compreensão de que muitos desafios emergem de contextos organizacionais pouco flexíveis e pouco atentos à diversidade neurológica.

Os achados também reforçam que ambientes mais previsíveis, organizados e sensorialmente regulados, aliados a formas de comunicação claras e flexíveis, contribuem significativamente para a permanência, a saúde mental e o desempenho de adultos com TEA. Nesse sentido, destaca-se o papel da Terapia Ocupacional na avaliação das demandas sensoriais, na proposição de intervenções, construção de dietas sensoriais e na orientação às equipes para a construção de práticas mais inclusivas.

Conclui-se que a modulação sensorial deve ser compreendida como uma dimensão essencial da inclusão de adultos autistas no mercado de trabalho. Mais do que um traço individual, trata-se de um aspecto relacional, que se expressa na interação contínua entre pessoa e ambiente. Portanto, promover a inclusão laboral de adultos autistas requer incorporar a acessibilidade sensorial como princípio central das políticas organizacionais. Investir em ambientes de trabalho que reconheçam a diversidade neurológica e que não se limite apenas a melhorar a eficiência operacional, mas representa um compromisso ético com equidade, pertencimento e respeito às diferentes formas de perceber e interagir com o mundo.

Uma limitação do estudo esteve associada ao instrumento de coleta, o uso do Google Forms, apesar de facilitar o acesso a população do estudo, dificultou a exploração de falas e conteúdos que foram emergindo nas respostas. Recomenda-se que em estudos futuros utilize-se chamadas de vídeo ou telefônicas associadas ao questionário.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

AYRES, A. J. **Sensory Integration and the child**. Los Angeles: Western Psychological Services, 1979. 207 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p.

BOTHA, M.; FROST, D. M. Extending the minority stress model to understand mental health problems experienced by the autistic population. **Society and Mental Health**, United States of America, v. 10, n. 13, p. 20-34, 2018. DOI: 10.1177/2156869318804297.

BROWN, C.; DUNN, W. **Adolescent/Adult Sensory Profile**: user's manual. San Antonio: Psychological Corporation, 2002. 61 p.

CRANE, L. *et al.* Sensory processing in adults with autism spectrum disorders. **Autism**, London, v. 13, n. 3, p. 215-228, 2009. DOI: 10.1177/1362361309103794.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 341 p.

DUNN, W. The impact of sensory processing abilities on the daily lives of young children and their families: a conceptual model. **Infants and Young Children**, United States of America, v. 9, n. 4, p. 23-35, 1997. DOI: 10.1097/00001163-199704000-00005.

DUNN, W. A “Sensational” Way to Understand and Serve Children: Illustration of a Sensory Processing Model. *In*: APPS, J. N.; NEWBY, R. F.; ROBERTS, L. W. (Org.). **Pediatric Neuropsychology Case Studies**. New York, NY: Springer, 2010. DOI: 10.1007/978-0-387-78965-1_27.

DUNN, W. **Sensory Profile 2**: User's Manual. San Antonio, TX: Pearson, 2014. 268 p.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

JOVELLAR-ISIEGAS, P. *et al.* Sensory Processing, Functional Performance and Quality of Life in Unilateral Cerebral Palsy Children: a Cross-Sectional Study. **Int J Environ Res Public Health**, Basel, v. 17, n. 19, p. 7116, Sep. 2020. DOI: 10.3390/ijerph17197116.

KAPP, S. K. *et al.* Deficit, difference, or both? Autism and neurodiversity. **Developmental Psychology**, Washington, v. 49, n. 1, p. 59-71, 2013. DOI: 10.1037/a0028353.

LINDSAY, S. *et al.* Disclosure and workplace accommodations for people with autism: a systematic review. **Disability and Rehabilitation**, Abingdon, v. 43, n. 5, p. 597-610, 2021. DOI: 10.1080/09638288.2019.1648965.

LORENZ, T.; HEINITZ, K. Aspergers--different, not less: occupational strengths and job interests of individuals with Asperger's Syndrome. **PLoS One**, United States of America, v. 9, n. 6, e100358, 20 Jun. 2014. DOI: 10.1371/journal.pone.0100358.

MAGALHÃES, L. C. Integração sensorial: uma abordagem específica de Terapia Ocupacional. *In*: DRUMMOND, A. F.; REZENDE, M. B.

(Orgs.). **Intervenções clínicas na Terapia Ocupacional**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. p. 46-69.

MAY-BENSON, T. A.; TEASDALE, A.; EASTERBROOKS-DICK, O. Relationship between childhood sensory processing differences and quality of life as adults. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 13, p. 886833, 2022. DOI: 10.3389/fpsyg.2022.886833.

MAZUREK, M. O. *et al.* Health Care Needs, Experiences, and Perspectives of Autistic Adults. **Autism Adulthood**, New Rochelle, v. 5, n. 1, p. 51-62, Mar. 2023. DOI: 10.1089/aut.2021.0069.

MILLER, L. J. **Sensational Kids**: Hope and Help for Children with Sensory Processing Disorder (SPD). New York: Putnam, 2006. 384 p.

MILLER, L. J. *et al.* Concept evolution in sensory integration: A proposed nosology for diagnosis. **Am J Occup Ther**, Bethesda, v. 61, n. 2, p. 135-140, Mar./Apr. 2007. DOI: 10.5014/ajot.61.2.135.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2022. 408 p.

NICOLAIDIS, C. *et al.* The AASPIRE practice-based guidelines for the inclusion of autistic adults in research as co-researchers and study participants. **Autism**, London, v. 19, n. 7, p. 824-837, Nov. 2019. DOI: 10.1177/1362361319830523.

RAYMAKER, D. M. *et al.* “Having All of Your Internal Resources Exhausted Beyond Measure and Being Left with No Clean-Up Crew”: defining autistic burnout. **Autism Adulthood**, New Rochelle, v. 2, n. 2, p. 132-143, Jun. 2020. DOI: 10.1089/aut.2019.0079.

ROBERTSON, A. E.; SIMMONS, D. R. The sensory experiences of adults with autism spectrum disorder: A qualitative analysis. **Journal**

of Autism and Developmental Disorders, New York, v. 44, n. 5, p. 569-586, 2015. DOI: 10.1068/p7833.

SCHAAF, R. C.; MAILLOUX, Z. **Clinician's Guide for Implementing Ayres Sensory Integration: Promoting Participation for Children With Autism**. Bethesda: AOTA Press, 2015. 209 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

WEHMAN, P. *et al.* Employment for adults with autism spectrum disorders: A retrospective review of a customized employment approach. **Res Dev Disabil**, United States of America, v. 53-54, p. 61-72, Jun./Jul. 2016. DOI: 10.1016/j.ridd.2016.01.015.